

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campos São Paulo

ALINE GONÇALVES DA SILVA

**DIÁRIO ESCOLAR:
O mal-estar docente**

São Paulo
2022

ALINE GONÇALVES DA SILVA

**DIÁRIO ESCOLAR:
O mal-estar docente**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586d	Silva, Aline Gonçalves da, 1989- Diário escolar : o mal - estar docente / Aline Gonçalves da Silva. - São Paulo, 2022. 72 p. : il. color. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Prática de ensino. 2. Professores. 3. Bem-estar. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 371.1
-------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ALINE GONÇALVES DA SILVA

**DIÁRIO ESCOLAR:
O mal-estar docente**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
UNESP – Orientadora

Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima
UNESP

Dedico esse trabalho ao professor Edmarcos Coca – o titio Coca, uma gota importantíssima
do meu oceano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que mesmo sem terem tido oportunidade de estudar, não deixaram de acreditar na importância da educação na vida de seus filhos;

A minha orientadora, professora Rita Bredariolli, pela paciência, companheirismo e toda a sua contribuição para a minha formação, desde o início da graduação;

A minha irmã Natalie, carinhosamente chamada de Esquilo, por toda ajuda e apoio com a divulgação do questionário de pesquisa desse trabalho;

Ao amigo da Esquilo, Alisson Fernandes dos Santos, estudante de psicologia, pela conversa e discussão sobre Freud, parte fundamental desse trabalho;

Ao programa PIBID – Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência, e sua coordenadora Rita Bredariolli, pela oportunidade de viver experiências fundamentais para pensar a minha formação e o cotidiano escolar;

Ao programa Residência Pedagógica e seus coordenadores, Rejane Galvão Coutinho e Sidinei Peterson, também pelas experiências vivenciadas e discussões sobre o ensino;

A todos os colegas de ambos os programas, PIBID e Residência Pedagógica, pela convivência, trocas de experiências, conversas, angústias e, principalmente, alegrias;

Agradeço a todos os participantes que se disponibilizaram em responder ao questionário, algo de muita importância para essa pesquisa;

E por fim, agradeço a todos os meus professores, desde quando iniciei quando pequena nessa jornada escolar, pelos ensinamentos, pelas broncas e pela inspiração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. O mal-estar.....	08
2. A docência.....	11
3. O mal-estar docente.....	17
3.1. Os efeitos do mal-estar nos docentes.....	26
4. A relação atual dos docentes com a profissão.....	27
4.1. Diários Docentes.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
APÊNDICE – Questionário.....	66

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a estudar a relação atual dos docentes com a profissão e se é possível haver a manifestação do mal-estar nos profissionais. O estudo se debruça na teoria do mal-estar desenvolvida por Sigmund Freud e nos estudos de Manuel Esteve Zaragoza sobre como se manifesta o mal-estar nos docentes. Para complementar o trabalho, é elaborado e disponibilizado um questionário online para verificar qual o sentimento atual dos professores com relação a profissão, de modo a poder analisar se as teorias sobre o mal-estar docente ainda se fazem presentes no ofício. Contudo, esse trabalho não tem como objetivo solucionar ou propor formas de se combater tal estado nos professores. O intuito é que os leitores reflitam sobre os problemas e situações relatadas, e se necessário, repensem o seu olhar acerca da profissão de docente.

Palavras-Chave: Mal-estar. Docência. Profissão de docente.

RESUMEN

La presente investigación se propone estudiar la relación actual de los profesores con la profesión y si es posible que se manifieste el malestar en los profesionales. El estudio se centra en la teoría del malestar desarrollada por Sigmund Freud y en los estudios de Manuel Esteve Zaragoza sobre cómo se manifiesta el malestar en los docentes. Para complementar el trabajo, se elabora y pone a disposición un cuestionario en línea para verificar el sentimiento actual de los docentes en relación con la profesión, con el fin de poder analizar si las teorías sobre el malestar docente siguen presentes en la profesión. Sin embargo, este trabajo no pretende resolver ni proponer formas de combatir este estado en los docentes. El objetivo es que los lectores reflexionen sobre los problemas y situaciones relatados, y en su caso, repensar su visión de la profesión docente.

Palabras clave: Malestar. Enseñando. Profesión docente.

INTRODUÇÃO

Quando estava no primeiro ano do Ensino Médio, tive um professor que lecionava matemática que conseguia despertar nos alunos o interesse do aprendizado. Diferente de muitos professores que havia tido ao longo da minha trajetória escolar e, acredito que na de muitos dos meus colegas e amigos, esse professor de um jeito simples no trato com os alunos, no respeito das dificuldades e velocidade de aprendizado de cada um, na imensa paciência em explicar o conteúdo, conseguia manter a atenção até mesmo daqueles alunos que o sistema desacreditava. Como o esperado, no final daquele ano, como tradição na escola, muitos alunos pediram para ele assinar a camiseta. Outros, como eu, pediram para que ele assinasse o caderno. Mantendo o algo a mais sempre presente no seu jeito com os discentes, além da assinatura, ele também deixava uma mensagem para cada um... uma carta.¹

Mais de dez anos depois, durante um ciclo de palestras sobre capacitismo² e educação inclusiva promovido num encontro entre os programas PIBID (Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência) e Residência Pedagógica, a palestrante Amanda Soares disse que “o professor é a linha tênue entre nos fazer persistir ou desistir” (informação verbal)³. Refletindo sobre essas palavras, passei a me perguntar, se aquele professor de matemática não tivesse motivação pelo seu trabalho o quão diferente teria sido aquela experiência de aprendizado. Thich Nhat

¹ A escolha da fonte diferenciada é porque trago alguns relatos pessoais de experiências e para fazer correlação com o título do trabalho.

² Segundo a Academia Brasileira de Letras tem como definição: 1. Discriminação e preconceito contra pessoas com deficiência. 2. Prática que consiste em conferir a pessoas com deficiência tratamento desigual (desfavorável ou exageradamente favorável), baseando-se na crença equivocada de que elas são menos aptas às tarefas da vida comum.

³ Fala da palestrante Amanda Soares durante um ciclo de palestras ocorrido no dia 02/12/2020.

Hanh diz que “a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente” (HANH apud HOOKS, 2020, p. 28). Isso me levou a questionar os males que o sistema educacional em conjunto com a sociedade pode ocasionar no profissional docente e o quanto esses males pode impactar diretamente no desenvolvimento da sua atuação em sala de aula.

José Manuel Esteve Zaragoza em seu livro “O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores”, de 1999, nos traz um panorama de como esse assunto se manifesta e se reflete na profissão e que esse problema é um fenômeno internacional. Mesmo em países desenvolvidos onde a educação é prioridade, os professores também enfrentam empecilhos com o sistema e situações no cotidiano que podem gerar estresse e desmotivação com a carreira. Por esse motivo, decidi investigar como anda a relação dos professores com a carreira docente, se o mal-estar ainda está presente na profissão e se em algum momento houve um desgaste que chegasse ao ponto de poder gerar um possível abandono da profissão.

Essa pesquisa tem como objetivo causar a reflexão nos futuros leitores do quanto a profissão docente é carregada de estigmas que, na maioria das vezes, não são observados ou não se é dada a devida importância por causa da romantização que a nossa sociedade faz acerca da docência. Para o desenvolvimento desse trabalho, foi utilizado o método de pesquisa descritiva, junto a uma análise qualitativa e tem como intuito analisar a relação atual dos docentes com a carreira e as questões trabalhistas, além de verificar se os profissionais podem estar apresentando sinais de mal-estar. Essa escolha tem como finalidade poder ter os dados numéricos da quantidade de professores que sofrem ou já sofreram com o mal-estar, como também a possibilidade de compreensão dos fatores que levaram os profissionais a desenvolverem esse estado.

Devido a pandemia e, principalmente, por ser um questionário que envolve o relato e a criação de imagens dos participantes, a forma de coletar essas experiências foi através de formulário online. Outro motivo que me levou a optar por essa forma de pesquisa foi devido a sensibilidade do tema. Acredito que cada participante deve ter o seu tempo de reflexão para concluir a pesquisa, o que uma entrevista presencial não iria conseguir proporcionar.

O trabalho se inicia com a abordagem de Freud sobre a definição de mal-estar, que pode ser causada pela repressão das pulsões e o sentimento de culpabilidade discutido em sua obra “O mal-estar na civilização”. Em seguida, através dos estudos de José Manuel Esteve Zaragoza sobre a profissão docente e o mal-estar, será apurado se tais situações apresentadas pelo autor permanecem nos tempos atuais com base nas respostas dos participantes e se o mal-estar se apresenta nas atuais relações de trabalho dos docentes. Ao contrário do que havia pensado inicialmente quando decidi estudar o tema, essa pesquisa não tem a finalidade de propor uma solução para o enfrentamento do mal-estar ou mesmo propor uma forma com que o docente consiga evitar a manifestação de tais sintomas. Reitero que esse trabalho tenciona a reflexão dos leitores, seja ele docente, aluno, profissional ou não da educação, no tocante ao que o atual sistema educacional pode acarretar na carreira docente, ou melhor, no que pode ocasionar no profissional que está na linha de frente e que recebe as críticas de toda uma sociedade, o professor.

1. O MAL-ESTAR ⁴

Quando falamos em mal-estar, um dos estudos mais utilizados são as pesquisas de Freud descrito em seu texto “O mal-estar na civilização”, publicado em 1930. Neste texto, a discussão central é com relação as formas com que o sujeito pode alcançar a felicidade. O autor defende que a vida em sociedade é uma fonte de sofrimento para os indivíduos. Isso ocorreria porque o convívio na sociedade é baseado na renúncia, da não realização das pulsões naturais aos seres humanos, e por não saciarmos esses desejos, desenvolvemos o mal-estar.

Freud argumenta que o sofrimento pode ser oriundo de três fontes: do próprio corpo porque ele tende a perecer, do mundo externo por conta das ações da natureza e das relações com as outras pessoas, como a família e a sociedade. Para tentarmos suportar tais sofrimentos, podemos utilizar três tipos de medidas paliativas: as poderosas distrações, como uma atividade científica, que fazem com que ignoramos a miséria; as satisfações substitutivas que ajudam a amenizar a vida, como por

⁴ Segundo a definição do dicionário de Oxford, o mal estar é: sensação desagradável de perturbação do organismo; indisposição que não chega a configurar doença; incômodo, indisposição. Estado de inquietação, de aflição mal definida; ansiedade, insatisfação.

exemplo, as obras de arte, e as substâncias entorpecentes que nos tornam insensíveis a vida por causa da forma com que as substâncias químicas agem sobre o nosso corpo.

É na tentativa de dar sentido à vida que os seres humanos vão em direção de uma busca pela felicidade e para alcançá-la, ao mesmo tempo que não querem experienciar situações de dores e angústias, também querem experimentar grandes sensações de prazer. Todavia, “aquilo a que chamamos ‘felicidade’, no sentido mais estrito, vem da sensação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico”. (FREUD, 2020, p. 30 e 31)

Uma das fontes de prazer que é inata ao ser humano e que melhor ajuda no afastamento do sofrimento é através da realização profissional. “O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual”. (FREUD, 2020, p. 35) É normal do ser humano querer ser reconhecido dentro do campo em que atua por suas conquistas. Porém, caso isso não aconteça, pode lhe causar sentimentos de angústias. Quando a pessoa está diante de condições de trabalho que não são favoráveis, esses sentimentos negativos também se manifestam. É através da relação do homem em contato com o ambiente que ocorre a obtenção de satisfação.

Essa vontade de obter prazer está relacionada com o Id. Ele está presente desde o nascimento, inclui os comportamentos instintivos e primitivos e está ligado ao inconsciente. Ele é impulsionado pelo princípio do prazer e busca a realização imediata desses desejos e necessidades. Porém, quando isso não ocorre, desenvolve a ansiedade.

O controle do Id ocorre por conta do Ego, pois ele é o responsável por lidar com a realidade e garante que os impulsos do Id sejam expressos de forma aceitável no mundo real. Diferente do Id, o Ego age no pré-consciente, no consciente e no inconsciente. Ele é o responsável pela realização dos desejos do Id. Entretanto, é o Superego que monitora quando que o desejo pode ser realizado, por conta do tipo de desejo que a pessoa pode ter. Este é o último que se desenvolve e é o que fornece o senso de certo ou errado, bom ou mal, justamente por manter nossos padrões morais internalizados adquiridos dos pais e da sociedade.

O Superego se divide em duas partes: ego ideal e consciência. O ego ideal é composto pelas regras e normas de bons comportamentos de uma sociedade. Ao serem obedecidas, trazem sentimento de orgulho e valor. Já a consciência é composta por informações do que é considerado ruim dentro de uma sociedade. São formados por comportamentos que são frequentemente proibidos e trazem sentimento de culpa, remorso e punição. É o que regula nosso comportamento atuando para que possamos conviver de forma adequada na sociedade em que estamos inseridos. É ele o responsável por suprimir todos os impulsos considerados inaceitáveis do Id e o que trabalha por conseguir a realização do ato do ego dentro nas normas ideais. Em muitos casos, quando não é possível a satisfação do desejo do Id, na tentativa de resolver a tensão criada pelo princípio do prazer, dentro de um processo primário cria-se uma imagem do objeto desejado como forma de satisfazer tal necessidade. É o Ego que, dentro de um processo secundário, descarrega as tensões criadas por impulsos não satisfeitos, tentando encontrar no real um objeto que corresponda a imagem criada pelo Id. Entretanto, conforme defende o autor, “a satisfação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado”. (FREUD, 2020, p. 34 e 35)

A construção da sociedade e da cultura é realizada a partir das abdições das vontades dos indivíduos. Para poder conviver e fazer parte de um sistema imposto é necessário renunciar as pulsões em troca de segurança e de um falso bem estar social. O que, a princípio, parece uma vantagem para a convivência social, aos poucos pode desencadear em alguma patologia. Isso ocorre porque a sociedade restringe muitas das pulsões, impedindo a sua realização baseada em valores morais que é imposto ao indivíduo. Ao entrar em conflito entre a realização dos desejos e o que determina a sociedade como “certo”, o sujeito fica suscetível ao desencadeamento de doenças nervosas e neuroses. O surgimento desses sintomas está diretamente relacionado a forma de viver e cada época costuma produzir o seu sintoma.

2. A DOCÊNCIA

O egresso na profissão de docente nem sempre se configura em uma situação fácil. Já nos primeiros contatos com a sala de aula, o professor encara desafios que, muitas vezes, foge as perspectivas que lhe foram apresentadas durante a sua formação. Cada escola apresenta suas particularidades de acordo com o local em que está inserida e a relação que o entorno tem com ela. Soma-se aos desafios diários situações que o professor iniciante pode não ter sido preparado para lidar ou não foi vivenciada, mesmo durante o seu período como estagiário. Todavia, estar diante de situações novas ainda durante a formação, não significa estar pronto a lidar com o desafio.

No segundo semestre de 2018, ingressei em um projeto da universidade chamado Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. O projeto consiste em acompanhar e desenvolver práticas pedagógicas a alunos da educação básica da escola pública do estado de São Paulo, junto com o professor regente da matéria de Artes Visuais, pois a matéria corresponde com o curso de formação. No semestre em questão, uma das turmas que estava acompanhando era o 2º ano do ensino médio. Nesta sala havia uma aluna com Síndrome de Down. Durante todo o semestre, durante as aulas de artes, a aluna permaneceu sentada na sala de aula sem nenhuma atividade que pudesse contribuir com o seu desenvolvimento. Dia após dia, a mesma permaneceu esquecida naqueles metros quadrados pelo professor e, confesso, também por mim. Só me dei conta que eu nada havia feito para poder contribuir com o aprendizado daquela aluna no fim do semestre, quando fui reler as anotações do meu caderno de estágio para a escrita do relatório. Apesar das conversas semanais com o grupo do

projeto, onde debatíamos as diversas situações vivenciadas nas escolas, não fui capaz de conseguir perceber a tempo que estava reproduzindo o mesmo comportamento do professor regente diante da situação. Foi o primeiro sentimento de fracasso experienciado. O professor de Artes reconheceu que também falhava com a aluna.

Dentre as dificuldades que surgem logo no início está a adaptação do conteúdo aos diversos níveis de aprendizado dos alunos, utilizando de diferentes metodologias de ensino na tentativa de alcançar a maior parte dos estudantes; dificuldades para identificar e atender as particularidades de cada aluno para que a haja maior facilidade no processo de aprendizagem; dificuldades na organização do seu trabalho como docente afim de não criar uma sobrecarga desnecessária; e, penso que um dos maiores desafios do professor seja aprender a lidar com os pais e colegas de trabalho, em parte pela falta de segurança por estar num novo cargo, o que é muito comum, independente da profissão escolhida e por conta de possuímos uma cultura escolar que tem o hábito de não debater com a devida atenção os problemas que permeiam o aprendizado dos estudantes ou a própria atuação do professor.

No primeiro semestre de 2019, ainda participava do projeto PIBID, inclusive na mesma escola pública do segundo semestre de 2018. Eu e mais duas colegas de projeto participamos de um dos conselhos de classe da escola. Estavam presentes alguns professores, incluindo o de Artes e o vice diretor. Havia um papel com categorias que iam de 1 à 12. Cada categoria tinha um nome relacionado a uma característica do aprendizado, como prova, trabalho, atividade de classe, entre outros. A quantidade de categorias sinalizadas justificava a nota atribuída ao estudante. Os alunos com nota “azul” em todas as disciplinas, passavam direto pelo julgamento do conselho, sem comentários. Os estudantes que possuíam nota “vermelha” em alguma

matéria, era solicitado ao professor a identificação das categorias que o estudante não havia cumprido. “Fulano”, Matemática, um, dois, cinco, sete, dez. “Ciclano”, Português, dois, quatro, cinco, nove, onze; História, um, três, cinco, sete, oito, nove, dez, onze, doze; Química, um, dois, cinco, seis, sete, dez, onze; Inglês, um três, cinco, sete, dez, onze, doze. Precisamos chamar os pais para conversar! – disse o vice diretor. “Beltrano”, Matemática, um, dois, três, sete, oito, nove, onze, doze; Português, um, dois, três, seis, sete, oito, dez, onze, doze; Geografia, um, dois, três, quatro, cinco, sete, nove, dez; História, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze. Precisamos chamar os pais! – diz o vice diretor. Não adianta! – argumenta o professor. Um verdadeiro bingo educacional! Naquela sala, o único que em um determinado momento manifestou preocupação e questionou uma ação para atender os estudantes com dificuldade foi o vice diretor da escola. Quando ele fez esse questionamento aos presentes, um dos professores respondeu, “só se fizermos pra eles (os alunos)”. Claramente, havia um sentimento de desmotivação com relação a resposta dos estudantes ao trabalho docente.

Esse tipo de comportamento é um dos indícios da falta de estímulo que começam a aparecer em muitos docentes ao longo da carreira. A conduta pode se relacionar com as exigências que o corpo escolar, pais, alunos e sociedade cobram do professor. Assumir uma dificuldade diante de um grupo que pode se apresentar hostil desmotiva ações que visam o debate dos “fracassos” em sala de aula. Esse sentimento não é característico somente dos novos docentes, mas de muitos profissionais que atuam em escolas onde o espaço de fala é limitado.

O julgamento dos pais e da sociedade com relação a profissão docente é um fator que contribui muito para ocasionar o mal-estar nos professores. Devido a precarização do ensino público na educação básica, que por sinal, também se estende ao ensino superior público, a falta de insumos, infraestrutura adequada e a não abertura de concurso público para a contratação de profissionais, traz uma sobrecarga para os professores que tem que se desdobrarem para evitar que os alunos fiquem sem aula. Numa tentativa descarada do poder público em atender a demanda de professores necessárias nas escolas públicas, criou-se outras formas de contratação, com prazo determinado em contrato.

As vagas denominadas categoria “O” geralmente são preenchidas por professores recém formados, e estes não vão ter o pouco benefício que os professores concursados tem, como por exemplo, a assistência médica será pelo Sistema Único de Saúde – SUS, ao invés de ser pelo Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público de São Paulo – IAMSPE. Esse tipo de contratação é realizada dentro dos termos da lei L.C. 1.093/2009, que no artigo 1º, inciso IV, diz que essa contratação pode ocorrer

IV - para suprir atividade docente da rede de ensino público estadual, que poderá ser feita nas hipóteses previstas no inciso II deste artigo e, ainda, quando:

- a) o número reduzido de aulas não justificar a criação de cargo correspondente;
- b) houver saldo de aulas disponíveis, até o provimento do cargo correspondente;
- c) ocorrer impedimento do responsável pela regência de classe ou magistério das aulas (SÃO PAULO (SP), 2009).

O inciso II do artigo prevê que as contratações ocorram em

II - necessidade de pessoal em área de prestação de serviços essenciais, em decorrência de:

- a) dispensa, demissão, exoneração, falecimento e aposentadoria;
- b) criação de novas unidades ou ampliação das já existentes;
- c) afastamentos que a lei considere como de efetivo exercício;
- d) licença para tratamento de saúde (SÃO PAULO (SP), 2009).

Essa contratação é para tapar um buraco que há anos as escolas públicas estaduais enfrentam pela falta de corpo docente em suas unidades. O único “projeto educacional” que há em curso é a precarização das instituições escolares, que aos poucos caminha para uma possível terceirização do trabalho docente, o que irá

constituir numa piora das condições de trabalho e, concomitantemente, na saúde mental dos professores. Segundo Carolina Catini (2019):

A terceirização do trabalho educativo é o próximo passo para a privatização da gestão das escolas e sistemas de ensino: “reduzir ou eliminar a estabilidade no emprego, aumentar a supervisão e dar poder aos clientes (pais e alunos) para monitorar ou avaliar os professores” são algumas das principais estratégias do Banco Mundial para a educação básica. (CATINI, 2019, p. 36 e 37)

Além das questões trabalhistas, os professores também enfrentam os julgamentos, principalmente, dos pais com relação a sua capacidade de atuação em sala de aula. Se o aluno apresentar algum problema de aprendizado, logo o professor é o principal culpado pelo insucesso do estudante. “Se o aluno não aprende é porque o professor não ensinou como deveria”. O docente é constantemente questionado sobre a sua formação. É inúmeras vezes visto como alguém despreparado para atuar em sala de aula. Não é à toa, que muitas instituições oferecem cursos para os professores utilizando o termo capacitação. Em uma pesquisa no site de busca do Google, ao usar as palavras chaves “cursos capacitação docente”, os resultados são diversas instituições públicas e privadas oferecendo “Capacitação Docente na Educação para a Diversidade” e “Curso online Capacitação de Professores em EaD/E-Learning” ambos da Unieducar – Universidade Corporativa, “Capacitação para Docentes e Técnicos” da Universidade Federal de Goiás - UFG, “Capacitação Docente” da Faculdade Logos - FALOG, entre outros. Se substituirmos os termos da pesquisa para “formação continuada de professores”, os resultados obtidos na maioria são artigos, com poucos cursos sendo oferecidos com esse título, como é o caso do “Programa de Formação Continuada de Professores” da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro - CECIERJ. Capacitar significa tornar(-se) apto a algo; habilitar(-se), ou seja, desenvolver determinada capacidade. A formação continuada se refere a um processo que não tem interrupção, algo sucessivo. O curso de licenciatura aborda as questões do ensino, discute metodologias de trabalho, debate o que é a educação dentro do contexto da sociedade. Os estudantes ao longo dos quatro anos da sua formação são capacitados de uma forma geral a exercerem a função de docentes e ao longo da sua trajetória, estarão em um processo de formação contínuo para se adaptarem as mudanças que a carreira exige. O que os pais e a sociedade precisam compreender é que o professor não é o responsável por todos os problemas que acontecem em

sala de aula e muito menos, na escola. O baixo aprendizado dos estudantes tem muito mais a ver com os novos currículos e medidas de cumprimentos destes impostos pelo governo do que a prática docente.

A aprovação da lei 13.145 em 2017, que implantou a Base Nacional Comum Curricular – BNCC referente a reforma do ensino médio traz diversas modificações, entre elas, a possibilidade de estabelecer convênios com instituições de ensino à distância e a contratação de profissionais sem licenciatura. Um dos principais problemas que os estudantes enfrentaram na pandemia foi a falta de condições de acompanhamento das aulas online, seja por falta de equipamento ou acesso à internet. A contratação de profissionais sem curso de licenciatura é uma forma de sucatear o ensino. É a educação bancária⁵ no seu jeito mais puro. Essas reformas educacionais são uma estratégia de mascarar os verdadeiros problemas que as escolas públicas enfrentam. Segundo Ana Paula Corti (2019)

[...] reformas curriculares são o modelo preferido de Estados neoliberais quando propõem (ou encenam) mudanças educacionais, não apenas pelo seu baixo custo em relação ao enfrentamento dos problemas estruturais, mas também por serem uma fórmula para reduzir o investimento em educação, favorecem a privatização e atuarem como peças de marketing político capazes de aplacar a sede da população por melhorias. (CORTI, 2019, p. 52)

Devido aos rumos que a educação segue, a perspectiva de melhora na profissão são poucas. As altas cargas horárias, baixos salários, salas de aula superlotadas, infraestrutura precária, a falta de materiais e plano de carreira, contribuem com o desânimo dos professores. Em muitas escolas, a qualidade do ensino se relaciona diretamente com a dedicação do trabalho docente.

A escola estadual que participei do projeto PIBID, durante o período de chuvas, chegava a interditar quase todas as salas do segundo andar por conta de goteiras. A cortina da sala de Artes era cheia de pernilongos. Os banheiros não possuíam papel higiênico; o estudante precisava pedir para a inspetora, que lhe dava um pedaço quando ia

⁵ Conceito desenvolvido por Paulo Freire, onde o aluno é visto como alguém em que o professor deposita o conteúdo, com o propósito de somente memorizá-lo, sem o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico.

utilizar o banheiro. Muitos dos materiais utilizado nas aulas de Artes era uma doação do diretor da escola particular que o professor também lecionava. Mas uma coisa tinha em abundância: grades não faltavam.

3. O MAL-ESTAR DOCENTE

Eu sou uma boa professora

Eu estudei, eu tenho o conhecimento

Eu sempre quis ser professora

Não tem livro, não tem material

Eu dou um jeito!

Eu expliquei a lição

O aluno não entendeu

Eu dei a prova

Ele tirou zero

Ele fracassou

Mas eu sou amiga, não sou carrasca!

A escola me cobra

A sociedade me cobra

A culpa é deles

Não! A culpa é minha!

Professora, eu não entendi!

Professora, eu não sei fazer!

Professora, e agora?

Professora despreparada

Professora incompetente

Professora, que bagunça!

Professora, que gritaria é essa?!

A culpa é sua!

Professora faltou. Que absurdo!

Professora tá doente. É frescura!

Professora? Cadê a professora?

Quem é a professora?

Eu sou a professora

A culpa é minha!

O erro é meu

O fracasso é meu

*O fracasso sou eu!*⁶

A profissão docente, como muitas outras, pode trazer problemas da saúde ao trabalhador devido a constantes situações de estresse vividas no dia a dia. A síndrome de Burnout⁷ e as sensações de mal-estar crescem entre os profissionais. José Manuel Esteve Zaragoza estuda a causa do desenvolvimento do mal-estar entre os professores. Este fenômeno acontece a nível internacional, pois a procedência da enfermidade está relacionada com as condições de trabalho e cobranças que são impostas aos profissionais docentes. Segundo a sua definição do termo

A expressão “mal-estar” refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real de Língua, a um “desolamento ou incômodo indefinível”. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo “mal-estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê. (ESTEVE, 1999, p. 12)

Freud, em seu texto, “O mal estar na civilização”, menciona que o sentimento de mal-estar está atrelado a falta das realizações de prazer. A satisfação com os resultados do trabalho é uma das formas que o indivíduo tem para alcançar essa sensação. Ao exercer uma função onde não se atinge esse estado, o sujeito passa a conviver com modos de sofrimento, dor e tensão.

Para compreender melhor as causas e como se configura o mal-estar na profissão docente, é necessário fazer uma pesquisa em caráter interdisciplinar. Esteve a estuda sob dois enfoques: o psicológico e o sociológico. No campo psicológico, os problemas que a profissão apresenta se relacionam de forma, praticamente direta, com as condições de trabalho em que se exerce à docência, o que leva ao estresse e

⁶ Texto escrito para o seminário sobre “Saúde do professor, relação salutogênese e educação, o mal-estar docente, afeto e sobrecarga”, apresentado na aula de Didática II ocorrida no dia 19/10/2020.

⁷ Também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, se refere a um distúrbio emocional com sintomas que incluem o estresse, a exaustão e o esgotamento físico. As causas da doença são o excesso de trabalho e se desenvolve nos profissionais que estão em constante pressão. Ela também pode se desenvolver nos profissionais que, diante de grandes responsabilidades, se sentem incapazes para ocupar tal cargo.

a ansiedade nos professores. O campo sociológico se refere a visão da sociedade sobre o professor, as expectativas projetadas sobre esse profissional. Tem como foco os problemas atuais da profissão que podem trazer consequências como a violência nas salas de aula, o esgotamento físico e os próprios efeitos psicológicos. Para classificar os fatores, o autor se baseia na classificação de J.J.Blase (1982), que entende que o estresse dos professores podem ser agrupados em outros dois fatores, os primários e os secundários. Entre os fatores primários estão as situações que possuem relação direta com o que ocorre dentro da sala de aula e tem como resultado efeitos associados a sentimentos e emoções negativas. Os fatores secundários se referem ao ambiente de trabalho, as condições em que o professor exerce a profissão, possuindo uma ação indireta, pois os efeitos irão incidir na eficácia do trabalho, podendo ocasionar a desmotivação com a docência. Quando esses fatores são acumulados, “influem fundamentalmente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar, inclusive, [...] à autodepreciação do ego”. (ESTEVE, 1999, p.27)

As mudanças na sociedade são grandes influenciadoras nos fatores secundários que levam as contribuições do estado atual em que se exerce à docência. Merazzi (1983), um diretor de uma escola da Suíça, aponta três fatores que induziram a essas novas funções aos docentes. Em primeiro lugar, está a “evolução e transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados)” que passaram a se eximir de suas responsabilidades transferindo-as para a escola. Os pais possuem um papel fundamental na educação das crianças e jovens e verifica-se que há uma transferência de responsabilidade do ensino de valores morais, como, por exemplo, respeito, empatia, gentileza, para o professor. Caso haja a queixa do docente ao cobrar dos pais a responsabilidade de ensinar tais valores aos filhos, o mesmo, por vezes, é apontado como o responsável pelo modo de agir do estudante. Em segundo, temos a forma de transmissão do conhecimento; o surgimento dos novos meios de comunicação e do consumo da cultura em massa, interferiram no modo como as pessoas e, inclui-se nesse grupo, os jovens estudantes, acessam e propagam as informações e a cultura. Com o advento da internet, das redes sociais, dos *smartphones* e dos *streamings*, o docente passou a ter que competir pela atenção dos estudantes e reafirmar certos conceitos já estudados e comprovados cientificamente que, hoje, muitas vezes são disseminados

sem nenhum embasamento científico na internet, como é o caso da teoria terraplanista⁸. Em terceiro lugar, estão os conflitos dentro da instituição escolar; com a polarização política, muitos professores se vêem acuados a defender determinado posicionamento dentro da escola em que atua, seja por ter lideranças que vão contra sua forma de pensamento e que não permitem a discussão de temas que sejam relevantes para a escola ou pela própria pressão da sociedade que exigem que o docente seja um profissional neutro, como é o caso do programa “Escola sem Partido”⁹. Como defendia Paulo Freire, “além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra”. (FREIRE, 2011, p.33) Justamente por defender uma educação libertadora, onde o educador estimule o pensamento crítico dos estudantes e não faça da sua aula um momento de mera transmissão de conteúdo, fez com que o movimento seja contrário a ideologia do autor. Formar indivíduos críticos e autônomos que sejam atuantes na sociedade não é o que movimentos como o Escola sem Partido buscam. Para esses, quanto maior for a ignorância das pessoas, melhor serão manipulados, aceitando e entendendo como algo correto as condições de dominância a que são submetidos. Conforme argumenta Demerval Saviani, “[...] agir como se a educação fosse isenta de influência política é uma forma eficiente de colocá-la a serviço dos interesses dominantes”. (SAVIANI, 2019, p. 132) O próprio movimento defende uma gestão escolar que esteja voltada para valores familiares e conservadores substituindo o ensino laico e científico. Interpretam o debate político como algo criminoso nas escolas e os apoiadores incentivam os alunos a filmar e denunciar os docentes que estimulam debates que vão contra as ideias do movimento.

Outras formas de vigilância também se apresentam na instituição e pode ser exercida pela gestão escolar sobre o professor.

Uma das escolas em que atuei no PIBID, de ensino fundamental I, as professoras não tinham liberdade para usarem o banheiro; o motivo, as crianças não poderiam ficar sozinhas porque fariam

⁸ Teoria de quem acredita e defende que o planeta Terra é plano, contrariando estudos científicos desenvolvidos a partir de Aristóteles (330.a.C).

⁹ Movimento político fundado por Miguel Nagib em 2004, que visa a disseminação de um ensino conservador nas escolas brasileiras.

bagunça. Era necessário avisar a inspetora para que essa ficasse em sala durante a ausência da docente.

O comportamento das docentes no ambiente escolar também era observado.

Uma das professoras foi criticada pela diretoria da escola porque durante uma aula na quadra com as crianças, local externo, totalmente aberto, estava com um lenço na cabeça por conta do frio.

A privação da liberdade durante o exercício da docência.

As professoras relatavam que era frequente a diretora entrar na sala durante a aula para observar o trabalho delas; entrava e saía sem se anunciar.

Situações que, por vezes, presenciei.

Durante uma das aulas de Artes com uma turma do fundamental II, por conta da agitação dos alunos, a inspetora entrou na sala de aula subitamente questionando o barulho. Nitidamente, percebi que o professor ficou sem graça diante daquela aparição repentina. Sem saber o que se passa dentro das quatro paredes, o vigilante invade e toma a atenção e o lugar para si.

Apesar do docente ser considerado uma figura de autoridade dentro da escola, ele possui uma cobrança de postura e formas de agir que devem seguir um padrão ideal, um modelo de comportamento. Se numa sala de aula não se predomina o silêncio, o professor é questionado e visto como alguém que não tem o domínio de seus alunos. A disciplina é o que rege o espaço da escola; há um determinado controle sobre o corpo do professor quando lhe é imposto o momento que deve se ausentar da sala de aula, a forma de se vestir, como demonstra a sua autoridade perante os

alunos e até mesmo a sua forma de lecionar. A disciplina que é exigida aos estudantes, de certa forma, também é exigida do docente e essa não passa despercebida, seja pelos olhos atentos da comunidade escolar, dos pais dos estudantes ou da sociedade. Quando um movimento político como o Escola sem Partido promove a vigilância do docente e de suas práticas educativas, está tencionando uma forma de dominação desse corpo. O profissional trabalha sobre um constante sentimento de vigilância e perseguição.

Goble e Porter (1980) defendem que a transferência de outras responsabilidades sociais para os professores sem uma atualização na sua formação dificulta sua atuação no meio escolar. Mas que outras responsabilidades o professor deveria ter que não seja no auxílio do desenvolvimento crítico e intelectual dos alunos acerca do contexto histórico e social em que ele vive, dos contrapontos entre passado e presente? Não seria uma exigência além dos limites e, aqui sim, emprego a palavra, capacidade, dos professores? Cada escola irá apresentar um contexto particular que pode ser ou não previsível.

No período de um ano e meio que participei do programa PIBID, tive contato com duas alunas com síndrome de Down de diferentes faixas etárias, uma criança e uma adolescente; dois alunos autistas adolescentes, ainda que de forma artificial, e a considero dessa forma, justamente por não ter ajudado no desenvolvimento desses alunos. Em uma das escolas em que atuei, também havia um grande número de alunos bolivianos devido a sua localização geográfica. Muitos deles não falavam português e o docente precisava entender e falar um mínimo de espanhol para conseguir lecionar para esses estudantes. Como o próprio professor de Artes me contou na época, “eles se viravam com um portunhol”. Não bastasse todas as barreiras que o ensino já propicia para os docentes e alunos, neste caso também havia a barreira da língua.

Outras situações que muitos docentes enfrentam tem relação com problemas sociais que os estudantes das periferias vivenciam diariamente como, falta de acesso a moradia digna, alimentação e, principalmente, violência no ambiente familiar. Esse contexto social em que grande parte dos estudantes das escolas públicas estão inseridos, pode influenciar diretamente em seu comportamento na escola.

Durante minha passagem pelo programa PIBID, uma das situações relatadas pelo professor de Artes foi a agressão de um aluno contra um colega de classe; o estudante teria usado um pedaço de pau para agredir o colega. O estudante agredido precisou ser atendido no hospital. Apesar de tamanha agressão, o pai do aluno agredido não quis dar queixa na polícia. Segundo o professor, o aluno agressor já tinha histórico de violência na escola; a mãe dele foi chamada para tirar o filho da instituição, mas ela recusou. O professor alegou que em termos de comportamento, o filho é parecido com a mãe. Diante da situação, a decisão tomada por parte do corpo escolar foi “dar corda para ele se enforcar”. A escola iria esperar uma situação limite que pudesse gerar uma expulsão do estudante. Na época, conforme observado por uma colega de programa que atuava junto comigo, “a escola iria apenas transferir o problema de lugar”.¹⁰

Uma outra situação, dessa vez presenciada,

O pai de um aluno que havia sido agredido no dia anterior, foi até a escola para bater no aluno agressor. Para evitar a entrada dele

¹⁰ Frase da colega Camila, estudante do curso de Licenciatura em Música da UNESP.

no pátio, a inspetora manteve o portão interno trancado. Naquele dia, entendi que as grades também serviam para proteger.

Não bastasse a violência física, também havia a violência sexual.

Em uma das turmas de ensino médio que acompanhei durante o programa, havia uma aluna que havia sido violentada sexualmente pelo tio. A mesma era obrigada a conviver com o agressor porque os pais eram dependentes financeiramente dele. A escola só conseguiu ter conhecimento do ato de violência porque a aluna deixou de frequentar a escola durante um certo período e quando retornou estava grávida. Neste caso, houve o acionamento do conselho tutelar. Este caso me foi relatado pelo professor no meu primeiro dia naquela instituição.

Violências que eram reveladas em momentos inesperados.

Em uma sequência didática desenvolvida e aplicada para alunos do 8º ano do ensino fundamental II chamada “Carta para o meu corpo”, criada a partir do tema “Geopoesia: meu corpo como extensão da cidade”, proposto pelo professor de Artes, foi proposto aos estudantes que escrevessem cartas para o próprio corpo pensando na relação que eles tinham com ele. Quando estava realizando a leitura das cartas identifiquei que muitos possuíam uma relação negativa com o corpo, chegando a extremos, como a autoflagelação.

Como preparar os docentes para atuarem nesses tipos de situações? Ainda que houvesse uma expansão do currículo durante a formação superior no campo da psicologia não solucionaria o problema. Os professores são obrigados a lidar com as

situações que envolvem todo o ambiente escolar, do aprendizado às adversidades enfrentadas pelos alunos e que podem causar desconforto como, por exemplo, os casos de violência e, as adversidades que eles próprios encaram; há ainda as questões trabalhistas e, obviamente, a junção de todos esses fatores podem gerar o desenvolvimento de problemas psicológicos.

3.1. OS EFEITOS DO MAL-ESTAR NOS DOCENTES

As diversas fontes de estresse nos professores a longo prazo começam a influenciar diretamente em sua prática docente. Ao perceber que a profissão não é o que é idealizado e retratado como ocorre em muitas produções cinematográficas que abordam o tema, como por exemplo no filme, “Sociedade dos poetas mortos”, de 1989, onde o professor John Keating, interpretado por Robin Williams, transforma a vida dos alunos com o ato de ensinar, o docente começa a se questionar, inclusive, se o problema não está relacionado com a própria prática. Os questionamentos acerca da profissão, sobre a escolha que fez e se deve ou não permanecer na carreira, até mesmo pelas condições de trabalho que essa oferece, passam a ser recorrentes. Por não conseguir solucionar esse conflito, o docente inicia um novo *modus operandi*; o despejo do conteúdo nos estudantes, sem a fomentação de um debate ou pensamento crítico. Há uma passividade no ato de lecionar.

Outra mudança que pode ocorrer na prática docente é na relação do professor com os alunos. Na tentativa de reafirmar o seu papel na sala de aula, passa a adotar atitudes autoritárias como uma forma de repressão dos alunos e para lidar com as próprias frustrações. “A adoção de atitudes dogmáticas, por parte do professor, pode lhe ser útil para compensar, neutralizar ou desmascarar a sua ansiedade”. (ESTEVE, 1999, p. 61)

Por conta da baixa motivação com o trabalho, como estratégia para frear as tensões acumuladas, há um aumento no absenteísmo. Entretanto, o motivo dessas ausências está mais ligada a vulnerabilidade psíquica do que com a saúde física. Os pedidos de transferências para outras instituições é uma outra forma que o docente encontra para lidar com situações de conflito. As manifestações de abandonar a profissão são recorrentes, podendo ou não serem concretizadas. A falta de motivação

para o exercício da profissão pode ocasionar um automatismo que vai contra um ideal de aprendizado. “As crianças serão educadas por escravos que irão fabricar outros escravos, que fabricarão outros escravos nos matadouros elétricos”. (CELMA, 1979, p. 19)

As expectativas com a carreira e consigo mesmo levam a um quadro de ansiedade elevado. O docente passa a desacreditar em melhorias, seja na profissão ou na sua própria capacidade de ensinar. O estado permanente de ansiedade pode se agravar, levando a diagnósticos de doença mental, neuroses reativas e, no pior dos cenários, a depressão.

4. A RELAÇÃO ATUAL DOS DOCENTES COM A PROFISSÃO¹¹

O questionário de pesquisa divulgado e disponibilizado online teve uma baixíssima adesão durante os meses em que ficou aberto para recebimento de respostas. Porém, apesar dos poucos docentes que se disponibilizaram a responder a pesquisa, as participações foram fundamentais para auxiliar no entendimento das relações atuais de trabalho e projetam um cenário importante para a educação e para a carreira docente. Na pesquisa realizada com os docentes, todos lecionam em escolas públicas e cada um ministra aula em uma etapa de ensino, da educação infantil ao ensino médio. A carga horária dos participantes varia entre, 24, 30 e 45 horas semanais de trabalho. A maioria trabalha em apenas uma instituição, salvo a docente mais nova na profissão que leciona em duas escolas, e que possui a carga horária maior de trabalho. Essa está na profissão há quatro anos e meio e ao verificarmos a quantidade de escolas em que atua, e o tempo de trabalho, confirma-se que os jovens docentes ainda enfrentam dificuldades no início da profissão. Devido precisarem cumprir com uma determinada quantidade de horas necessárias, precisam ter disponibilidade para transitar em mais de uma instituição e o fato de ser novo na escola atrapalha na escolha das turmas porque, geralmente, ficam com as aulas que não foram escolhidas pelos demais docentes da disciplina, ou seja, tem que aceitar o

¹¹ Neste capítulo serão apresentadas partes dos relatos dos professores coletados no questionário online. Por entender que cada indivíduo é único, escolhi um tipo de letra para cada participante. Essa escolha se deu porque lembro que durante minha formação na educação básica, minha professora de português, chamada Helena Maria, disse que conseguia reconhecer cada estudante pela letra que tinham. Entendo que a caligrafia é uma das formas de mostrar a individualidade de cada um.

que sobrou. Consequentemente, tendem a ter maiores dificuldades em preencher toda a carga horária.

Quando questionados o porquê da escolha da profissão, ainda há aqueles que decidiram lecionar por amor à arte de ensinar ou pela necessidade da formação, como dito pelo professor de sociologia. Percebe-se que nem sempre o curso de graduação escolhido proporciona um leque maior de atuação no mercado de trabalho, o que faz com que esses profissionais tenham que entrar no ensino para poder ter uma fonte de renda para sobreviver. Os principais problemas da profissão na atualidade segue sendo os baixos salários, salas com grande quantidade de alunos, a falta de materiais adequados que contribuem para subsidiar a prática docente, carga horária excessiva de trabalho, desgaste físico, mental e psicológico e a permanente desvalorização da carreira por parte da sociedade e, principalmente, do poder público. Os desafios com relação a aprendizagem permanecem e, inclui-se a adaptação e a inclusão de crianças que, muitas vezes, nunca frequentaram a escola anteriormente. Os problemas sociais que os estudantes enfrentam também são pontos negativos na profissão, pois, enquanto a instituição escolar não tem estrutura suficiente para lidar com todos os contextos, o docente não tem preparo, nem apoio psicológico para tais adversidades.

Os pontos negativos são todos os outros problemas que vão além do que acredito ser parte do trabalho docente. Como falta de investimento na estrutura, e aí entra também a falta de suporte e políticas públicas que deem conta de outras problemáticas que envolvem os alunos e suas famílias e que a escola não dá conta (pois não é sua função) de resolver, como falta de estrutura de moradias, pobreza extrema, fome, falta de materiais de uso pessoal como roupas, higiene, etc. Tudo isso são problemas que vão além do papel da escola e que, no fim, a escola acaba se envolvendo por ser o único amparo dessas pessoas, e isso se soma nos profissionais e se converte

em sobrecarga. Outro ponto negativo são os constantes ataques à profissão, especialmente por parte de governantes que deveriam proteger a educação e que, também, se reflete na opinião negativa da comunidade sobre professores e escola. A soma de problemas que vão além da nossa capacidade e função de resolver com a falta de estrutura, retirada de direitos, cortes, empecilhos colocados, cobranças vindas de pessoas que nunca puseram o pé numa sala de aula pública... tudo isso vai deixando o cenário mais pesado e difícil.

C.C¹²

Em alguns ambientes escolar, prevalece o atrito nas relações hierárquicas que

[...] muitas vezes mais atrapalham do que servem para organizar as relações entre os vários atores envolvidos com a educação no ambiente escolar.

E.A.S¹³

A falta de atuação do governo de forma positiva para melhorias na carreira e na instituição escolar é apontado por todos os participantes da pesquisa. Isso demonstra a urgência de mudanças nas políticas educacionais e no trato com a profissão.

As novas responsabilidades que surgiram com o passar dos anos para os professores confirmam que a formação que tiveram jamais irá abarcar todas as problemáticas da escola.

¹² Professora jovem de Artes; leciona a poucos anos; devido ao pouco uso da lousa, penso na sua letra mais despojada no espaço.

¹³ Professor de Sociologia; ao longo da vida, percebi que os professores homens, geralmente, possuem letra de forma, muito parecida com a fonte escolhida.

Hoje em dia a escola abraça um grande volume de responsabilidades que muitas vezes não lhe cabe, elas cuidam da saúde do aluno, da higiene do aluno e até mais, então sim a profissão mudou muito, o professor é um pouco psicólogo, um pouco médico, um pouco dentista, um pouco recreador e ainda deve ser o professor.

I.N.W.S¹⁴

Há o consenso entre os profissionais que não é possível obter uma formação plena, e que esta deve ser contínua.

A formação de um professor nunca acaba, cada ano exige uma experiência diferente, os casos de inclusão revelam que ainda estamos a caminho de muitas respostas, formação inicial, só nos dá alguns requisitos para procurar as fontes necessárias para continuar pesquisando.

I.N.W.S

Acredito que nenhuma licenciatura ou formação nos prepara plenamente. Muito do nosso preparo vem da prática que é fluída e em constante mutação.

E.A.S

Em razão dos obstáculos que se multiplicam e se intensificam, as perspectivas no que diz respeito a profissão, são baixas. Contudo, essa concepção está voltada, principalmente, a não importância que o poder público tem em atender as demandas dos professores e das escolas para garantir melhorias e qualidade na educação e na profissão. São justamente esses empecilhos que fazem com que os professores sejam reticentes quando são questionados se indicariam ou incentivariam a profissão para alguém.

No que diz respeito a saúde física, o problema que predomina entre os professores é a afonia. Ela é caracterizada por uma rouquidão que pode evoluir para uma perda parcial ou total da voz. Pode surgir de forma súbita, inicialmente causando alteração na voz e prejudicando a comunicação; também pode apresentar dores na

¹⁴ Professora da educação infantil; devido as crianças estarem no início da alfabetização, a letra de mão tende a ser mais bem delineada para melhor entendimento dos alunos e assim poderem copiar o que está escrito.

região da garganta. Um dos motivos da manifestação da patologia ocorre quando há o uso incorreto da voz, como forçar a fala em situações barulhentas na tentativa de falar mais alto e o uso da voz por longos períodos. O estresse e a ansiedade igualmente podem levar o indivíduo a desenvolver a doença. Em algumas profissões, como a de docente, a afonia se torna comum e pode ser considerada um mal ocupacional.

Apesar de todas as mazelas, a profissão, por outro lado, apresenta seus pontos positivos, como:

Ver a aprendizagem sendo solidificada.

I.G.W.S

Lidar com pessoas e poder contribuir para o seu crescimento pessoal e intelectual.

E.A.S

Ter a oportunidade de conviver com pessoas, propondo questões importantes para reflexão.

M.L.A¹⁵

O compromisso que os professores demonstram com a educação e a troca de experiências em sala de aula é o que faz com que muitos prolonguem a permanência na profissão. Todavia, o reconhecimento do descaso que a sociedade e o poder público têm com o ensino e, principalmente, com a profissão faz com que os docentes convivam diariamente com os conflitos entre ser uma parte fundamental na formação do indivíduo e ao mesmo tempo, fazer parte de uma das profissões ignoradas pelo Estado, com falsas promessas de progressos na carreira e na educação.

¹⁵ Professora de Artes; leciona há muitos anos; penso que a sua letra traz a experiência da vida, por isso é mais forte, bem estruturada.

Eu vejo como uma das mais importantes profissões e mais desvalorizadas também. Para mim, é evidente que deveríamos ter mais incentivo, investimento e estrutura desde a formação de professores (que muitas vezes são péssimas formações) para garantir pessoas competentes, incentivadas e valorizadas a seguir na profissão. Mas o que vemos é o oposto, o sucateamento de formações e ambientes de trabalho, levando a profissão também ao sucateamento.

C.C

É unânime entre os docentes a visão negativa com que a sociedade enxerga a profissão.

Acho que a sociedade nos acha necessários, mas tem dificuldade de reconhecer o nosso valor, principalmente nas camadas mais pobres onde as pessoas enfrentam muitas dificuldades financeiras.

M.L.A

Nem sempre com o valor que deveria receber, pois a nossa responsabilidade é muito grande.

I.G.W.S

Acho que existem muitas pessoas que entendem o valor e as dificuldades de ser professor. Mas também existem muitas pessoas contaminadas com uma visão completamente errada da profissão, que acreditam que professores são grandes privilegiados preguiçosos que não gostam de trabalhar. Mas em geral não é uma profissão que muita gente

se empolga em dizer que quer seguir, todos tem noção de que é uma profissão ingrata.

C.C

A nossa sociedade, infelizmente, não gosta de professores.

E.A.S

Dos quatro participantes da pesquisa, três já pensaram em abandonar a carreira. O motivo é a ausência de políticas públicas que beneficiem e promovam a qualidade no ensino, melhorando as condições de trabalho, desde a infraestrutura das escolas à um plano de carreira onde o docente tenha oportunidades reais de se desenvolver no campo escolhido. Ao contrário do que muitas vezes é apresentado nas mídias sensacionalistas, em nenhum momento os docentes mencionaram que o abandono da profissão possa acontecer por conta de alguma relação negativa que possa ter se passado ou que venha a enfrentar com os alunos. Pelo contrário, as maiores motivações em permanecer na docência é poder trabalhar com pessoas, auxiliando no desenvolvimento do seu aprendizado. Não é por acaso que, as experiências mais marcantes ainda são as que proporcionaram a troca de afeto.

Presenciar o lançamento de um livro de um aluno: Liberdade Vigada de Paulo César Gomes e, ser citada nos agradecimentos mesmo tendo sido sua professora na quarta série do ensino fundamental I.

M.L.A

[...] como trabalho com crianças o ato de dar e receber afeto é muito marcante, algumas vezes você chora, outras você ri, mas ser professor, também é ser Humano!

I.G.W.S

Quando desenvolvi o questionário para os docentes, não queria que fosse uma pesquisa que ficasse somente no âmbito quantitativo. Não queria transformar esses

profissionais em meros números. Ao contrário, queria que de alguma forma eles pudessem mostrar parte de sua subjetividade e reafirmar a unicidade de cada um. Com propostas como, “Pensando na sua profissão de docente, faça um autorretrato de como você se vê hoje. Esse autorretrato pode ser um objeto, planta, algo que te traduza”¹⁶ e “Considerando toda a sua trajetória na profissão, se você pudesse enviar uma carta para o seu eu, pensando em todo o processo, desde quando teve a decisão de se tornar educador(a), o que você escreveria?”¹⁷, o docente é estimulado a olhar para a profissão sob uma outra perspectiva. “Diários docentes” é o resultado dessa pesquisa. É uma forma poética de refletir como cada um desses professores e professoras lidam diariamente com a profissão. É uma parte que considero de extrema importância desse trabalho; reafirma que somos únicos.

¹⁶ Nos “Diários Docentes” essa pergunta é respondida em “Autorretrato”. Todas as imagens enviadas pelos participantes, segundo mencionaram no questionário, são autorais.

¹⁷ Nos “Diários Docentes” essa pergunta é respondida em “Carta para o meu eu”.

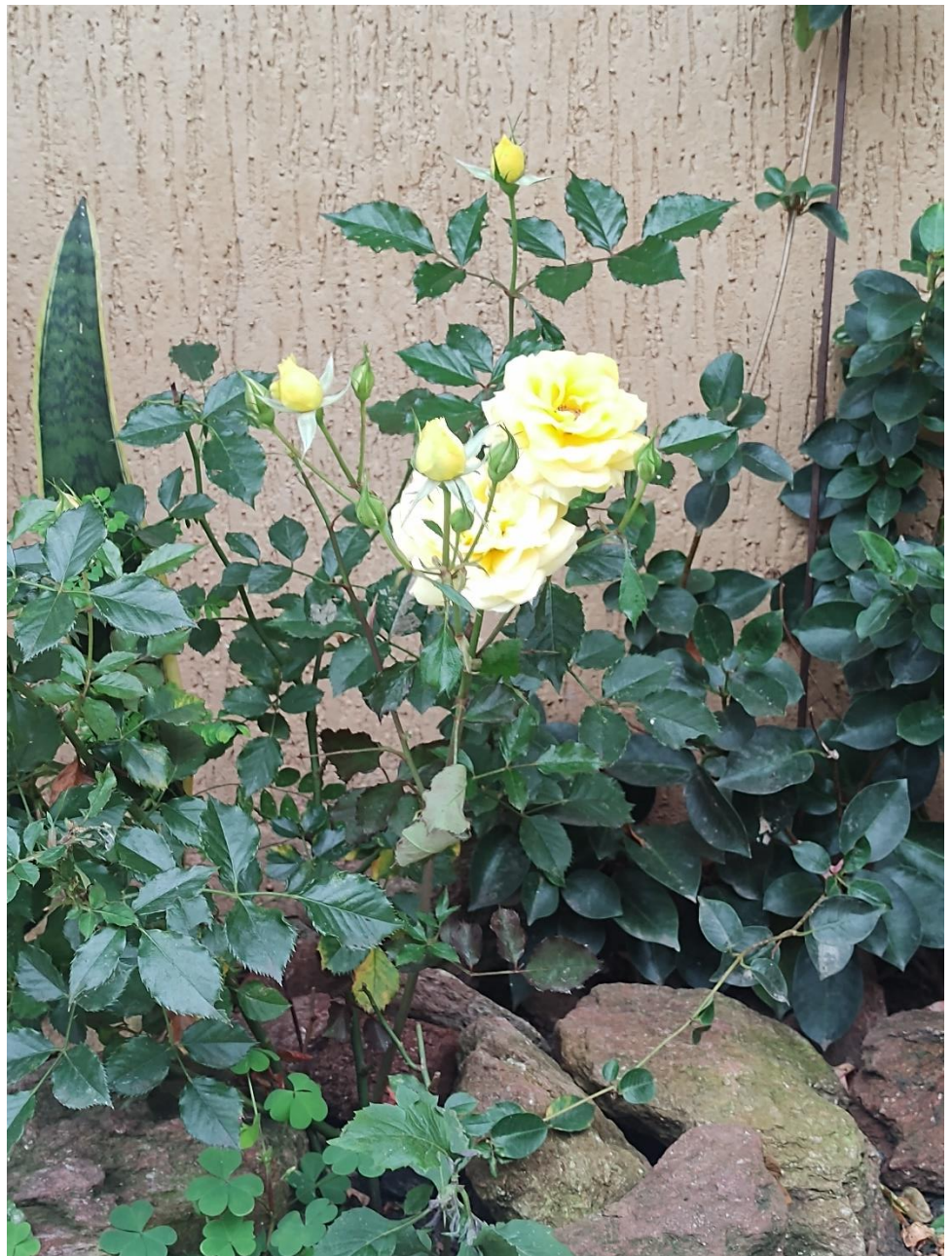
Diários Docentes

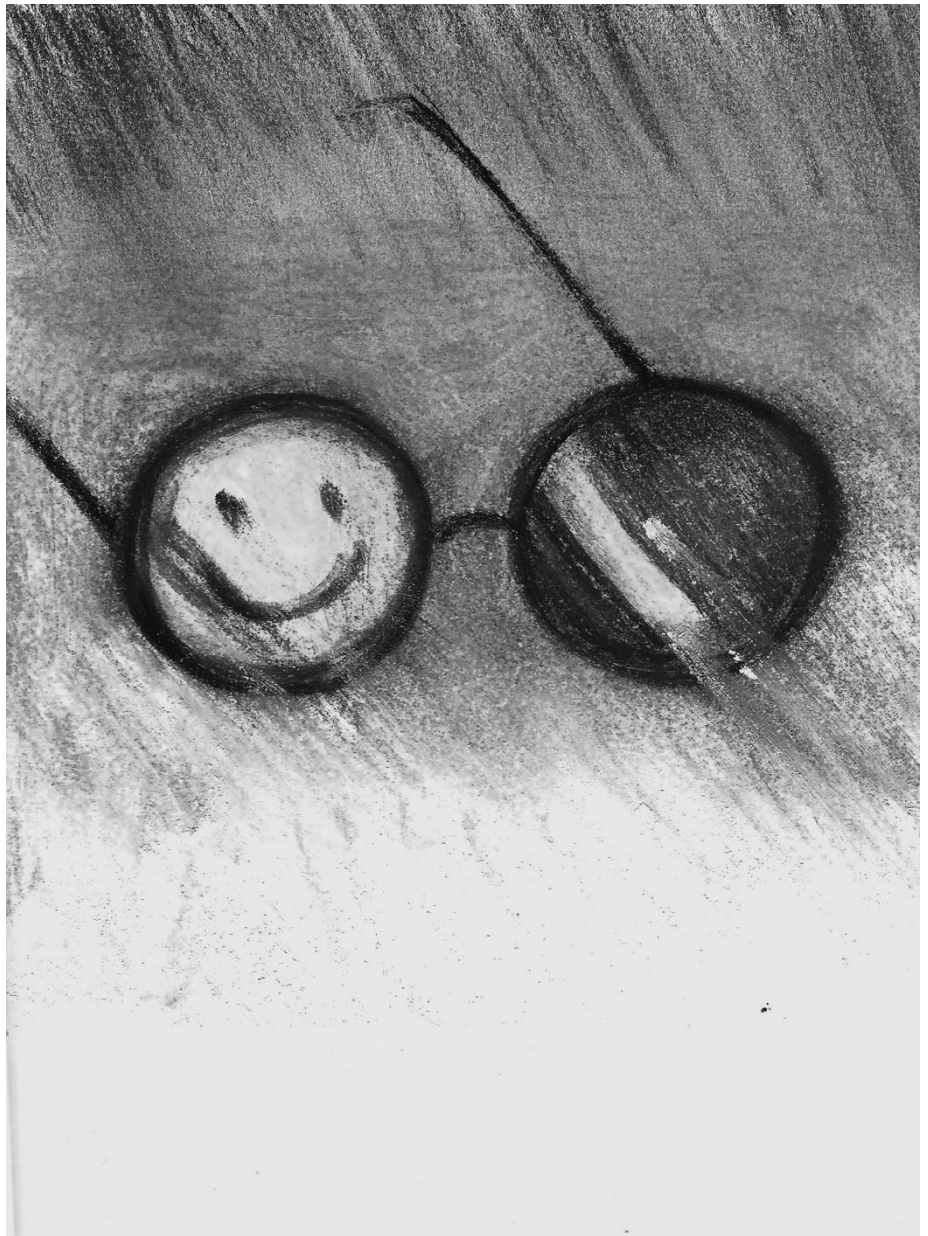
Autorretrato



E.A.S







Ser professor é...

Ser quase um mágico!

I.G.W.S

Lidar com o outro e seu processo de
formação.

E.A.S

Trabalhar... Refletir... Replanejar!!!

M.L.A

*Acreditar que podemos fazer alguma diferença mesmo quando
não temos muitos motivos para isso. Acreditar no trabalho de
formiguinha.*

C.C

A escola é...

Meu segundo lar.

I.G.W.S

Local de encontro com outras formas de pensar e de aprender. Local de ter contato com pessoas e suas experiências de vida.

E.A.S

Um espaço que acolhe como consegue os estudantes e comunidade em geral do jeito que consegue. E mesmo que esse acolhimento não seja muitas vezes realizado da maneira ideal, ainda é um dos únicos lugares onde algumas pessoas encontram suporte educacional, alimentício, emocional. Mas é também um espaço onde se encontra opressão e oprimidos, desde alunos a professores, que condicionados a uma lógica cruel na estrutura educacional sofrem e reproduzem violência. É também um espaço que deveria ser de compartilhamento de saberes e culturas, mas que nem sempre consegue cumprir essa função, assim como deveria também ser espaço da comunidade, mas que nem sempre consegue desenhar esse diálogo.

C.C

Algumas vezes o paraíso...Outras um inferno!

M.L.A

*Como professor eu me
sinto...*

Disposta.

I.G.W.S

Bem.

E.A.S

Corresponsável pelo futuro dos meus alunos.

M.L.A

Em eterno conflito sobre o gostar de fazer o que faço e querer parar de fazer o que eu faço. Achar que em breve não darei mais conta de continuar por motivos externos ao meu controle, como os constantes ataques à educação que atrapalham as equipes escolares de construírem uma educação de qualidade.

C.C

Carta para o meu eu

A escolha foi mais fácil que o trajeto.

M.L.A

Tenta outra coisa primeiro.

C.C

Você é uma ilusão, as experiências conjuntas é o que
conta. Espero que não me engane mais.
E.A.S

Nunca desista, quando se sentir fraca, ore!
Quando se sentir feliz agradeça!
Talvez você precise mais orar do que agradecer, mas não se esqueça!
Você pode ser uma gota no oceano de alguém.
I.G.W.S

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início na profissão de docente pode desde cedo se configurar numa experiência que pode gerar traumas aos jovens professores. Devido a pouca experiência, ao se deparar com a realidade da sala de aula e do cotidiano escolar, a grande maioria terá dificuldades para se articular num ambiente que, muitas vezes, foi pouco discutido durante a sua formação. Por conta da grande complexidade que a escola e a sala de aula possuem, os cursos de licenciatura não conseguem incluir em seu currículo todos os conteúdos capazes de preparar o profissional de forma plena para o exercício de sua função.

As mudanças no comportamento da comunidade escolar sobre a forma com que lidam com os problemas estruturais ou de aprendizado se fazem necessárias para evitar o desenvolvimento de patologias nos docentes.

O professor de Artes que eu acompanhava as aulas, diante de desafios que encontrava como, a falta de preparo para lidar com estudantes que necessitavam de uma pedagogia diferenciada, como foi o caso da estudante com Síndrome de Down, mencionou que sentia falta de ler relatos de professores que falassem sobre o que deu “errado” na sala de aula.

As conversas frequentes entre o corpo escolar, inclusive, pode ser uma forma de pensar novas maneiras de aprendizagem. Apesar dos problemas que permeiam a internet, os docentes podem ver as possibilidades que os novos meios de comunicação podem trazer para o aprendizado, se utilizando de canais confiáveis para incrementar nas suas aulas. O estudante, ao ter indicações de fontes confiáveis para consulta, poderá com o tempo se tornar autodidata, o que o contribuirá para o seu desenvolvimento pessoal e intelectual. Instigar a mente dos alunos é uma forma de criar o interesse por novos conteúdos e enriquece o debate em sala de aula. O conhecimento se tornou universal e há tempos deixou de ser fonte exclusiva do professor.

As situações de violência também merecem atenção, pois mexe de forma profunda com a relação dos docentes com os alunos, ainda mais com aquele que sofreu a agressão.

O professor de Artes, diante de tamanha violência sofrida pela aluna abusada sexualmente pelo tio me disse que tinha dificuldades de olhar nos olhos da aluna.

São situações que os docentes não estão preparados psicologicamente para lidarem e que precisam ser conversadas para poderem buscar formas de como acolher devidamente esses alunos e, essencialmente, que ajudem o docente a conviver nesse ambiente, ora de felicidades, ora de horrores.

Entretanto, sabemos que os maiores desafios da carreira docente têm relação com a forma com que a sociedade vê e trata a profissão. O atual cenário educacional do país não é favorável e o poder público não investe na criação de um plano educacional em que os principais indivíduos envolvidos nesse processo, alunos e professores, sejam parte fundamental das tomadas de decisões sobre o futuro da educação. A atuação do governo contra as melhorias na profissão contribui com a formação de um ambiente cada vez mais complicado para lecionar, transformando num ambiente desafiador. A sobrecarga nos docentes gera frustrações e desânimo, e mesmo para aqueles que gostam da profissão, levam em consideração a possibilidade de abandonar a carreira.

Com base nos relatos dos professores, é possível identificar o sentimento de mal-estar descrito por Freud nas condições de trabalho e no sentimento de incapacidade diante as problemáticas do cotidiano escolar. Quando o docente não vê no seu trabalho os resultados esperados, o que antes era uma fonte de prazer, passa a ser uma fonte de sofrimento. A falta de apoio médico e, sobretudo, psicológico, faz com que esses profissionais tenham chances cada vez maiores de desenvolver enfermidades graves por conta de estresse e ansiedade que sofrem constantemente. O mal-estar nos profissionais docentes pode e deve ser combatido, mas para que isso aconteça de forma efetiva, é necessário que a sociedade como um todo entenda que, quando um professor se ausenta por doença, não é preguiça, nem frescura. A

profissão de docente possui todo um conjunto de atividades extraclasse, como o preparo das aulas, reuniões, correção de atividades, que tem como resultado sua atuação na sala de aula. São inúmeros os desgastes que a profissão lhe exige.

Nossas escolas estão se tornando verdadeiros sistemas fabris, entretanto, alunos e, principalmente, docentes não são suas máquinas.

A professora que acompanhei no programa Residência Pedagógica tinha dentro da sua grade de horário, aulas com duração de vinte e cinco minutos cada.

É necessário condições humanas para uma realização efetiva do trabalho.

É necessário, somente, condições mais humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei Complementar nº 1.093, de 16 de julho de 2009. Disponível em: <<https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/818277/lei-complementar-1093-09>> Acesso em: 04/09/22

BRASIL, Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm> Acesso em: 05/09/2022

BRASILEIRA, Academia. Capacitismo. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/capacitismo>> Acesso em: 03/10/2022

CÁSSIO, Fernando (org.). Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CELMA, Jules. Diário de um educador. São Paulo: Summus, 1979.

ESTEVE, José M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: Edusc, 1999.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 13-122.

HOOKS, bell. Pedagogia engajada. In: HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020. p. 25-36.

JESUS, Saul Neves de. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. Katálysis. v. 7 n. 2. p. 192-202, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/6458>> Acesso em: 07/06/2022

MARTINEZ, D. Mal estar docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <<https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/106-1.pdf>> Acesso: 18/10/2022

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. Ciências & Cognição. v. 7. n. 1. Rio de Janeiro. Março, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000100004> Acesso em: 17/10/2022

Pereira, T. do S. L., Aguiar, A. L., & Costa, S. A. da. (2016). Mal-Estar Docente: reflexões sobre os desconfortos presentes no desempenho da profissão. Revista Educação E Emancipação, p. 161–181. Disponível em: <<https://doi.org/10.18764/>> Acesso em: 18/10/2022

SAÚDE, Ministério da. Síndrome de Burnout. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout>> Acesso em: 03/10/2022

SÃO PAULO, Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de. Categoria O. Disponível em: <<https://apeoespnorte.com.br/categoria-o/>> Acesso em: 04/09/2022

SENA, Israel de Jesus. O nome atual do mal-estar docente. Educação em Revista [online]. v. 34, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698177301>>. Epub 19 Jul 2018. ISSN 1982-6621. Acesso em: 17/10/2022

SILVA, Maíra Nunes Da et al. Sigmund Freud: o mal-estar na civilização. Anais IV FIPED. Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/379>>. Acesso em: 30/08/2022

SILVA, Maurina Passos Goulart Oliveira da. A silenciosa doença do professor: burnout, ou o mal estar docente. Disponível em: <<https://www.unaerp.br/documentos/1464-161-454-1-sm/file>> Acesso em: 19/10/2022

SOUZA, Indira Rodrigues de; SANTOS, Maria Evany Rodrigues dos; ALMEIDA, Ilda Neta Silva de. Mal-estar docente: a saúde do professor nos dias atuais. Revista Humanidades e Inovação. v. 4, n. 2, p. 84-94, 2016. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/180>> Acesso em: 05/09/2022

APÊNDICE – Questionário¹⁸

PARTE 1: Pesquisa quali-quantitativa

Nome (o sobrenome pode ser somente as iniciais)

Idade

Sexo

Cidade/Estado

É professor(a) a quanto tempo?

Qual(is) disciplina(s) leciona?

É formado em:

- ☐ Licenciatura
- ☐ Bacharelado
- ☐ Ambas

É professor(a) de escola:

- ☐ Pública
- ☐ Particular
- ☐ Ambas

Você é professor(a) do: (marque mais de uma opção se necessário)

- ☐ Ensino Infantil
- ☐ Ensino Fundamental I
- ☐ Ensino Fundamental II
- ☐ Ensino Médio

Em quantas escolas trabalha?

Quantas horas trabalha por semana?

Você possui alguma outra ocupação além de professor(a)? Qual(is)?

Pensando no tempo dedicado a profissão docente, você possui tempo para realizar outras atividades como, passeios, hobbies, prática desportiva etc?

Por que escolheu ser professor(a)?

Quais os pontos positivos da profissão?

Quais os pontos negativos da profissão?

¹⁸ O questionário foi estruturado em três partes: parte 1 – pesquisa quali-quantitativa; parte 2 – pesquisa poética; parte 3 – pesquisa através das imagens. Todos os participantes autorizaram o uso de parte das respostas e das imagens enviadas no trabalho sobre o comprometimento da autora em manter o anonimato deles.

Como você vê o cotidiano escolar?

Você enfrenta dificuldades na(s) escola(s) em que atua? Qual(is)?

Quais são os principais problemas/dificuldades com relação a profissão docente?

Em algum momento você se sentiu despreparado(a) para atuar em sala de aula? Por quê?

Você acredita que faltou algo na sua formação para lidar com o cotidiano escolar e os desafios da profissão?

Com relação a sua atuação como docente, você se considera:

- ☐ Pouco satisfeito
- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Totalmente satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Pouco insatisfeito
- ☐ Muito insatisfeito
- ☐ Totalmente insatisfeito
- ☐ Insatisfeito

Qual(is) a(s) motivação(ões) com relação a profissão?

Como você acha que a sociedade vê a profissão de professor(a)?

Como você vê a profissão de professor(a)? Essa visão mudou com o passar dos anos?

Qual(is) o(s) desafio(s) para o professor(a) hoje em dia? Eles mudaram ao longo dos anos?

Você já teve algum problema de saúde ocasionado pela profissão? Em caso positivo, qual(is)?

Em algum momento da sua carreira você precisou se afastar por problemas de saúde?

Em caso positivo, por quanto tempo?

Com relação a profissão, você se considera:

- ☐ Pouco satisfeito
- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Totalmente satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Pouco insatisfeito
- ☐ Muito insatisfeito

- ☐ Totalmente insatisfeito
- ☐ Insatisfeito

Quais são as suas perspectivas com relação a profissão de docente?

Você já pensou em desistir da profissão? Por quê?

Você indicaria/incentivaria a carreira docente a alguém? Por quê?

Pensando na sua trajetória como docente, conte qual experiência mais te marcou (essa experiência pode ser positiva ou negativa).

PARTE 2: Pesquisa poética¹⁹

Com relação as suas reflexões sobre a carreira docente:

Ser professor é...

A escola é...

Como professor eu me sinto...

Considerando toda a sua trajetória na profissão, se você pudesse enviar uma carta para o seu eu, pensando em todo o processo, desde quando teve a decisão de se tornar educador(a), o que você escreveria?

PARTE 3: A reflexão através das imagens

Escolha uma imagem, podendo ser ou não autoral (colocar referência), que traduza o seu sentimento com relação à docência²⁰.

Pensando na sua profissão de docente, faça um autorretrato de como você se vê hoje. (Referência: Van Gogh na sua obra “O par de sapatos”, de 1886, conseguiu retratar a vida de um trabalhador do campo). Esse autorretrato pode ser um objeto, planta, algo que te traduza²¹.

¹⁹ Essa parte da pesquisa teve como resultado os “Diários Docentes”.

²⁰ Devido ter recebido imagens que continham os rostos dos alunos, por não ter a autorização de uso de imagem das pessoas presentes na foto, optei por não as incluir no trabalho.

²¹ As imagens enviadas pelos participantes também fazem parte dos “Diários Docentes”.